

BERNARDO ÉLIS E CARMELITA FLEURY, NOS LAÇOS ETERNAIS DE INFINITOS SIGNIFICADOS

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Instituto Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
bentofleury@hotmail.com

No ano de 1981, há quarenta anos, uniam-se pelos laços do matrimônio, os primos Bernardo Élis Fleury de Campos Curado e Maria Carmelita Fleury Curado, vindos de histórias de vida diferentes; de infinitos significados de alma, unidos mais tarde, até o fim da vida.

Mas, os laços e raízes de ambos tinham ramificações centenárias por esses sertões de Goyaz.

Ambos eram netos de João Fleury de Campos Curado Filho, que nasceu na Cidade de Goiás em 16 de abril de 1866, filho de João Fleury de Campos Curado e Mariana Augusta Gaudie Ley Fleury. Ele estudou no Lyceu de Goyaz e frequentou aulas da famosa Mestra Inhola. Seu pai era proprietário da lendária Fazenda Quinta, situada aos pés da Serra Dourada.

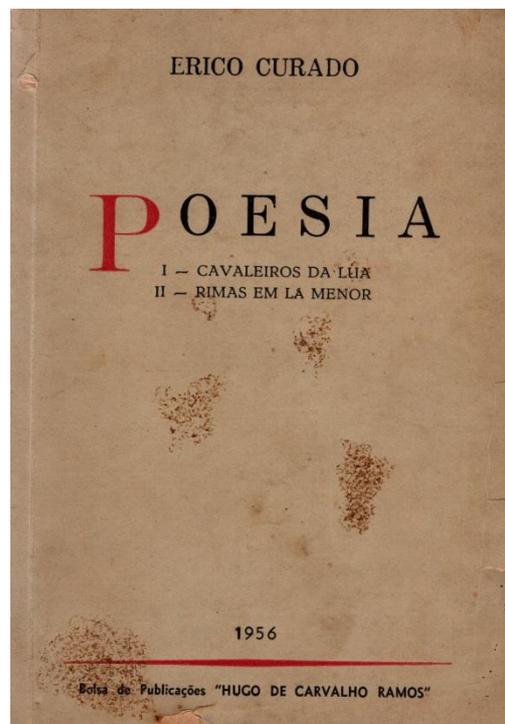
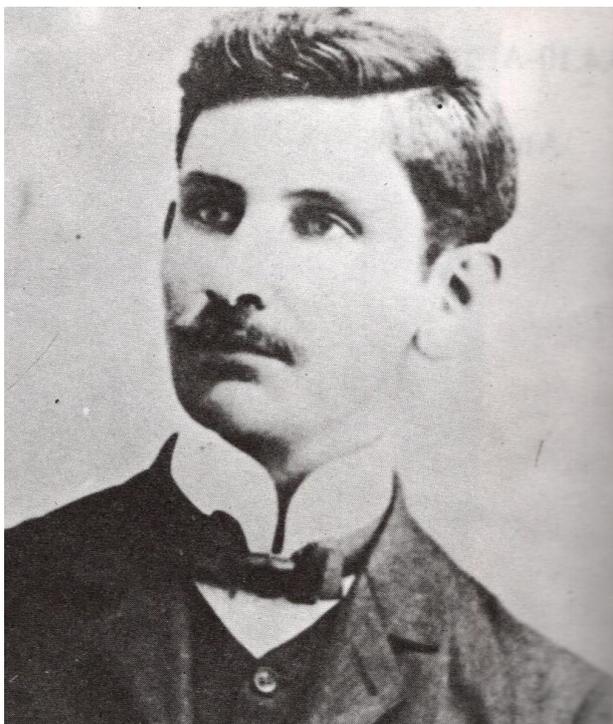
Ele exerceu suas atividades na loja do pai, na antiga casa velha da Rua Couto Magalhães com o cais do Rio Vermelho. Também foi Deputado Estadual e Coletor Público, com serviços prestados na Secretaria da Fazenda, na velha capital de Goiás. Em 08 de abril de 1891 ele se casou na Igreja do Carmo, com Maria Catarina Godinho Curado. Desse consórcio teve vários filhos e sua esposa faleceu em 26 de janeiro de 1936 e ele em 26 de outubro de 1951, há 70 anos; ambos sepultados no Cemitério de São Miguel da Cidade de Goiás.

O casal teve os filhos Gilberto Fleury Curado, Sebastião Fleury Curado Sobrinho, Marieta Fleury Curado, Antonieta Fleury Curado, Gracieta Fleury Curado, Violeta Fleury Curado, Antonio Godinho Fleury Curado e João Fleury de Campos Curado Neto.

Dentre as filhas, Marieta Fleury Curado nasceu em 27 de fevereiro de 1895 na Cidade de Goiás. Em 31 de maio de 1913, aos 18 anos de idade, casou-se com o comerciante e literato Erico José Curado, quando transferiu residência para Corumbá de Goiás, mais tarde Goiânia e finalmente Brasília, onde veio a falecer. Desse consórcio, dentre outros, teve o filho primogênito Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, nascido em Corumbá de Goiás no ano de 1915.

Sua irmã Antonieta Augusta Fleury Curado nasceu na Cidade de Goiás em 12 de junho 1898. Em 02 de fevereiro de 1918, aos 20 anos de idade casou-se com José Augusto Curado e residiu em Pirenópolis, Cidade de Goiás e finalmente Goiânia, onde faleceu em 1993, aos 98 anos de idade. Desse consórcio teve, em 1932, a filha Maria Carmelita Fleury Curado, nascida na Cidade de Goiás.

Os pais de Bernardo Élis e Carmelita Fleury também eram primos. Erico José Curado, pai de Bernardo Élis, nasceu em 18 de maio de 1880 em Pirenópolis. Era filho primogênito de Luiz Fleury de Campos Curado e Maria Joaquina Lobo de Fleury Curado. Foi comerciante e poeta, com lojas em Corumbá de Goiás e Cidade de Goiás. Também foi promotor público da capital. Publicou o livro *Iluminuras e Poesia*. Foi membro da Academia Goiana de Letras e faleceu em 1961, há 60 anos.



Erico José Curado e um de seus livros publicados. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Seu primo José Augusto Curado, pai de Carmelita Fleury, nasceu também em Pirenópolis em 29 de setembro de 1895, filho de Luiz Augusto Curado e Lina de Faria Valle. Foi jornalista, membro da AGI, redator dos jornais *Estrela de Muquém e Brasil Central*. Prefeito em Pirenópolis e Cidade de Goiás. Comerciante, também foi pioneiro do cooperativismo no Estado de Goiás e faleceu em Goiânia em 05 de fevereiro de 1967, há 54 anos.



José Augusto Curado na idade madura e sua carteira de associado da AGI

Fonte. Acervo do ICEBE.

Desse mesmo ramo, primos em primeiro grau, vieram Bernardo Élis e Carmelita Fleury!

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, ou simplesmente Bernardo Élis. Um homem e um mito. Nome maior da Literatura de Goiás de todos os tempos. Nasceu na poética Corumbá de Goiás em 15 de novembro de 1915. Iniciou o estudo das primeiras letras com o pai, em casa, que era impaciente ao ensiná-lo e, em 1923, foi residir na capital do Estado, então Cidade de Goiás, onde se matriculou no Grupo Escolar.

Mais tarde, retornou para Corumbá na continuação dos estudos com o pai, de quem viria o estímulo para as letras e para o jornalismo, assim como para o magistério. Aos doze anos, Bernardo Élis escreveu o primeiro conto, inspirado em

"Assombramento", de Afonso Arinos, na época um festejado regionalista, autor do belo livro *Pelo sertão*.

Em 1928, Bernardo Élis mudou com a família para a Cidade de Goiás, onde fez o curso ginásial no Liceu, tradicional colégio vilaboense. Vivenciou os tempos difíceis da Revolução de 1930 e a consequente mudança da capital.



Casa onde nasceu Bernardo Élis em Corumbá de Goiás

Fonte. Acervo do ICEBE.

Iniciou na vida pública em 1936, aos 19 anos, como escrivão da Delegacia de Polícia em Anápolis, foi nomeado escrivão do cartório do crime de Corumbá. Em 1939, transferiu-se para Goiânia, onde foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal, com exercício das funções de prefeito por duas vezes. Era uma mudança total e inesperada em sua vida de jovem estudante de 24 anos de idade.

Após a interrupção dos estudos por dois anos, em 1940 concluiu o curso clássico no Liceu de Goiânia. Em 1945, formou-se na Faculdade de Direito, sendo orador de sua turma. Em Goiânia, cidade nova e de oportunidades tantas, fundou ele juntamente com o trindadense Gerson de Castro Costa (1917-1992) e Zecchi Abrahão a *Revista Oeste* e nela publicou diversos trabalhos.

No ano de 1944, seu livro de contos *Ermos e gerais* foi publicado pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, de Goiânia, obtendo sucesso e elogios de toda a crítica nacional. Nesse ano, aos 29 anos de idade, casou-se com a poetisa Violeta Metran (1927-1996), moça inspirada e sonhadora, da bela “cidade dos pomares”, Morrinhos. Desse consórcio teve os filhos Simeão, Silas e Ivo.

No ano de 1945, há 76 anos, participou do 1º Congresso de Escritores de São Paulo, quando conheceu vários escritores nacionais, entre os quais Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Monteiro Lobato. De volta para Goiânia, fundou a Associação Brasileira de Escritores, da qual foi eleito presidente. Ingressou no magistério como professor da Escola Técnica Federal de Goiás, hoje IFG e do ensino público estadual e municipal.

Como professor, para garantir o sustento da família, trabalhou muito, em vários lugares. Afogava dentro de si, pela falta de tempo, um turbilhão de ideias, de livros, de pensamentos, aprisionados pelo excesso de obrigações de trabalho, correção de provas, preparação de aulas, os encargos de professor, marido, pai de família.



Escritório do Bazar Paulistinha na década de 1960. Presentes Bariane Ortencio, Emílio Vieira, Bernardo Élis, Violeta Metran e Regina Lacerda.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Em 1955, Bernardo Élis publicou o livro de poemas *Primeira chuva*. Nos anos seguintes, com muita luta, dedicou-se ao magistério e à vida literária. Foi fundador, vice-diretor e professor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás, quando passou a professor de Literatura na Universidade Católica de Goiás e em vários cursos preparatórios ao vestibular das universidades. Era a luta pelo pão e pela dignidade, de quem se dedicava à Educação em nosso País.

Entre os anos de 1970 a 1978, desempenhou as funções de Assessor Cultural junto ao Escritório de Representação do Estado de Goiás, no Rio de Janeiro, e reassumiu o cargo de professor na Universidade Federal de Goiás. Participou de congressos e conferências em todo o País, representando Goiás.



Saudação ao seu livro de versos, publicado em 1971.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Desempenhou ainda a função de Diretor Adjunto do Instituto Nacional do Livro, em Brasília, de 1978 a março de 1985. Em 1986, foi nomeado para o Conselho Federal de Cultura, ao qual pertenceu até a extinção do órgão, em 1989.

Pelo conjunto de sua obra, expressiva e bela, recebeu inúmeros prêmios literários: Prêmio José Lins do Rego (1965) e Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), pelo livro de contos *Veranico de janeiro*; Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu *Caminhos e descaminhos*; Prêmio Sesquicentenário da Independência, pelo estudo *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional* (1972). Em 1987, recebeu o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília, pelo conjunto de obras, e a medalha do Instituto de Artes e Cultura de Brasília, mesmo ano de sua morte.

No Governo Henrique Santillo, toda a sua obra foi enfeitada numa bela coleção, em capa dura, de belo trabalho artístico, intitulada “Alma de Goiás”, com apresentação de Kleber Adorno, comentários de Tristão de Athayde e desenhos de Amaury Menezes, pela tradicional Editora José Olympio. Essa coleção fez enorme

sucesso e foi distribuída a todo o Estado de Goiás, às escolas, universidades e instituições culturais.



Bernardo Élis e os amigos Ursulino Leão e Octo Marques, todos falecidos.

Fonte. Acervo do ICEBE.

As principais obras de Bernardo Élis foram *Primeira chuva, poesia* (1955); *Ermos e gerais, contos* (1944); *A terra e as carabinas* (1951); *O tronco, romance* (1956); *Caminhos e descaminhos, contos* (1965); *Veranico de janeiro, contos* (1966); *Caminhos dos gerais, contos* (1975); *André Louco, contos* (1978); *Seleta de Bernardo Élis. Org. de Gilberto Mendonça Teles; estudo e notas de Evanildo Bechara* (1974); *Caminhos dos gerais* (1975); *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* (1980); *Apenas um violão* (1984); *Goiás em sol maior* (1985); *Jeca-Jica-Jica Jeca* (1986); *Chegou o governador* (1987); *Obra reunida de B. É.* (1987).

A sua consagração máxima como escritor veio há 46 anos. Em 1975 foi eleito, vencendo JK, o quarto ocupante da Cadeira 1, da Academia Brasileira de Letras,

eleito em 23 de outubro de 1975, na sucessão de Ivan Lins e recebido pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 10 de dezembro de 1975. Até hoje é o único goiano eleito para a Casa de Machado de Assis.



Bernardo Élis e Goiandira do Couto em seu ateliê na Cidade de Goiás.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Bernardo Élis participou também de entidades como União Brasileira de Escritores, secção de Goiás, Academia Goiana de Letras, Instituto histórico e Geográfico de Goiás. Colaborava com todos os jornais goianos, notadamente o *Cinco de março* e o *Diário da manhã*, ativista político de esquerda, ao lado de Batista Custódio.



Bernardo e os colegas escritores Modesto Gomes, Bariane Ortencio e Maximiano da Mata Teixeira.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Seus trabalhos literários *André louco e O tronco* foram transformados em filme, com reconhecimento de público e de mídia, elevando mais ainda o nome de Goiás. Dessa forma, nosso Estado tem uma dívida muito grande com esse inesquecível corumbaense.

Com 66 anos de idade, Bernardo Élis, convolou segundas núpcias com sua prima Maria Carmelita Fleury Curado, sua constante companheira das lides intelectuais e ativa colaboradora quando este esteve como Presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico, já no fim da vida. Foi em sua companhia que o escritor viveu seus dolorosos últimos dias, vítima de pertinaz enfermidade.

Reconhecido no meio intelectual, Bernardo Élis teve estudos importantes de sua obra feitos por nomes consagrados como Nelly Alves de Almeida, Ercília Macedo, Moema de Castro e Silva Olival, Ramir Curado, Paulo Bertran, José Mendonça Teles e

tantos outros. Em sua cidade, Corumbá de Goiás, há um movimento para a construção de um memorial em sua homenagem, com o incentivo e entusiasmo dos bravos intelectuais Ramir Curado, grande historiador e estudioso local e Ana Ruth Fleury Curado, também notável pesquisadora das coisas goianas.

Dentre seus parentes diretos, muitos se dedicaram também à literatura. Sua primeira esposa, Violeta Metran deixou dois belos livros de poemas *Sempre setembro* e *Liège*, sua irmã Elza Hilda Curado (1919-2013) deixou o livro *A felicidade é... quase nada*, e seu filho Silas Metran Curado, o livro *Eternos passageiros*. Também sua esposa Maria Carmelita Fleury Curado foi por vários anos escritora de artigos para o Jornal *Diário da Manhã* e publicou os livros *Patife e seus amores* (Literatura infantil), *O pároco* (romance) e inédito *Amor, sombra e subtração* (romance).

Maria Carmelita Fleury Curado nasceu na Cidade de Goiás em 12 de outubro de 1932, residiu na antiga Casa do Bispo, que era de propriedade de seus pais e hoje é sede do IPHAN.



Casa onde Maria Carmelita Fleury Curado passou toda sua infância.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Fez seus estudos em sua terra natal, na velha capital do Estado e fez o Ginásio e o Curso Normal no tradicional Colégio Santana de Goiás, com as Irmãs Dominicanas francesas. Mais tarde bacharelou-se em História Universal e do Brasil e também em Artes Visuais. Fez ainda o curso na Aliança Francesa e Desenho em Paris, nos anos de 1956 e 1957; bem como o de Inglês no *Queens College* em New York.

Cedo entrou para a vida religiosa na Congregação Dominicana, onde ficou muitos anos, em funções diferentes e de grande importância. Mais tarde desvinculou-se dessa missão e retornou à vida cotidiana, ao lado da família, mas sempre no enfrentamento da vida.



Maria Carmelita Fleury Curado e sua mãe Antonieta Augusta Fleury Curado.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Fez centenas de cursos em extensão universitária na área de Pedagogia, Psicologia, Antropologia, Relações Humanas, Dinâmica de Grupo; Filosofia e Teologia, Estudos Bíblicos, Eclesiologia, Parapsicologia, Sociologia, em diferentes cidades como Uberaba, Curitiba, São Paulo, Goiânia.

Ainda participou e Exposições diversas como artista plástica em Goiânia e outros estados. Trabalhou como professora de Desenho, Religião, Português e História em Volta Grande, em Minas Gerais; Rio de Janeiro; Camará, no Rio Grande do Sul; São Paulo, capital; Curitiba.

Fez trabalhos de assistência social em Marabá, no Estado do Pará e assistência religiosa no CEPAIGO, em Goiânia. Em São Paulo foi funcionária bilíngue de uma firma particular; bem como foi pioneira em Goiânia na questão de hospedagem infantil, baby sítter, com a AMAI, de grande sucesso na época.



Maria Carmelita Fleury Curado quando ainda solteira.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Também trabalhou como economista e administradora nos anos de 1960. Trabalhou na PUC-GO na área administrativa e de planejamento; bem como foi assessora de gabinete da Fundação Cultural Pedro Ludovico, na gestão de seu esposo Bernardo Élis Fleury de Campos Curado.

Construiu três grandes casas próprias, uma em Aparecida de Goiânia, outra no Jardim América e outra na chácara, em Pirenópolis. Todas com seu arrojo, talento e destemor.

Com trajetórias distintas, marcadas por enfrentamentos, lutas, desafios, sofrimentos e glórias pessoais, quis Deus que, após muitas décadas, teriam o destino ligado até o fim.

O primeiro casamento de Bernardo Élis, com a destacada escritora Violeta Metran chegou ao término no fim da década de 1970. Maria Carmelita Fleury Curado já havia se desvinculado da vida religiosa e era proprietária da AMAI, empresa particular de hospedagem infantil, em Goiânia.

Depois de dois anos separado, Bernardo Élis procurou sua prima para propor-lhe casamento. Esteve presente em sua empresa, chamando-a para uma conversa e uma proposta. Escondido atrás de um poste ele fez a clássica pergunta; “Maria, você quer casar comigo?”.



Bernardo Élis e o governador Ary Valadão em 1981.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Assustada a princípio, depois de entender a real situação do notável escritor, naquela fase da vida, aos 66 anos de idade, com todos os percalços vividos, apesar da

fama, era um homem solitário e deprimido. Depois de certo tempo, conselhos de parentes comuns e um diálogo franco, aceitou o pedido. Num rápido namoro, a cerimônia religiosa realizada na casa do irmão José Lino Curado e Carmelita, ambos falecidos. Ele tinha 66 anos de idade e ela 49 anos, já maduros.



Casamento de Bernardo e Carmelita há 40 anos,

Fonte. Acervo do ICEBE.

Moraram inicialmente na parte térrea da casa do Jardim América, em estilo de chalé suíço modernizado, hoje sede do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do Cerrado (ICEBE). Com o término da construção, foi utilizada a parte do sobrado para biblioteca de Bernardo e o quarto do casal.



Parte superior do chalé onde era a biblioteca de Bernardo Élis.

Fonte. Acervo do ICEBE.

Iniciaram a rotina da vida de casal, agora ele livre das atividades da vida de professor e funcionário público, pode dedicar-se com afinco às suas leituras e produção de seus livros e artigos para jornais.

Ambos eram colaboradores do Jornal Diário da Manhã e ele de inúmeros outros como O Popular. O dia se enriquecia com atividades sociais e culturais em Goiânia, bem como atividades ligadas à Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Ele sempre procurava na esposa o apoio para discussão de fatos políticos; já que a mesma entendia bastante do assunto e produzia artigos para os jornais, com essa temática. Metódico, ele escrevia invariavelmente no horário matutino, para atender outras obrigações no período da tarde.



Evento familiar e também na ABL, ao lado de Nélida Pinon.

Fonte. Acervo do ICEBE.

A rotina de um casal já maduro, sem filhos, tem dinâmicas diferenciadas de jovens casais em construção de vida. Adquiriram uma pequena chácara em Aparecida de Goiânia, que foi fruto de muito desgaste, trabalho e tribulações com invasões, noticiadas inclusive na imprensa.



Bernardo a curtir uma pescaria em sua chácara, **Fonte.** Acervo do ICEBE.

O cotidiano era simples na casa do Jardim América. Ela sempre o acordava com um beijo e a frase “bom dia meu anjo”; fato que ele muito apreciava. Tímido, Bernardo Élis tinha dificuldade em expressar seus sentimentos e carregada uma dose grande de depressão, que, às vezes, descarregava na escrita.



Rotina de Bernardo no cotidiano da Casa do Jardim América. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Mais tarde compraram uma chácara no município de Pirenópolis, com a denominação de “Sítio da pedra preta”, devida sua localização na região da Sardinha,

com muita pedra e terreno acidentado. Aproveitando a topografia do terreno, construíram uma bela casa, de belíssima vista dos morros distantes.



Sítio da Pedra Preta em Pirenópolis, **Fonte.** Acervo do ICEBE.



*Quando galguei o alto da serra, suspirei aliviado!
A estrada corria numa planície estupidamente monótona,
que se perdia de vista... (Bernardo Elis)*

Bernardo nos últimos tempos, no alto da pedra preta. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Sua convivência nesses ambientes era marcada pela volta à natureza como alívio às tensões e tristezas, tantas vezes inconfessadas, que passara em sua existência. Ali traduzia seu amor também aos animais e às coisas mais singelas da vida, ao contato direto com a natureza.



Bernardo no bucólico ambiente do campo de que tanto gostava. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Por questões de trabalho, o casal residiu por alguns anos em Brasília, quando tinham uma grande agenda de eventos culturais e sociais, inclusive com o então Presidente da República, José Sarney, que era confrade de Bernardo Elis na Academia Brasileira de Letras.



Bernardo Élis, José Sarney e Maria Carmelita, no Palácio do Planalto. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Depois retornaram a Goiânia, para a casa do Jardim América e a chácara em Pirenópolis, na rotina de atividades. Participavam de variados eventos pela AGL, IHGG, UBE, AGI, instituições a que ele era filiado e também em lançamentos de livros em diferentes lugares, em Goiânia e também São Paulo e Rio de Janeiro.



Bernardo Élis, Belkiss Spencière e Paulo Roberto Cunha. **Fonte.** Acervo do ICEBE.



Bernardo Élis, Maguito Vilela, Terezinha Vieira e Iris de Araújo. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Em 1994 assumiu a presidência da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira (AGEPEL), aos 79 anos de idade; o que constituiu grande desafio no fim de sua vida. Maria Carmelita Fleury Curado foi sua assessora direta, nos intrincados projetos da área, em diversificados ramos.



No Conselho Estadual de Cultura, com Miguel Jorge e Doracino Naves. **Fonte.** Acervo do ICEBE.



Evento na AGEPEL, com Maria Carmelita, Ubirajara Galli, José Mendonça Teles. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Vítima de pertinaz enfermidade, poucos tempos depois dedicou-se ao tratamento domiciliar, sempre seguido da esposa devotada, que tudo fez para lhe dar qualidade de vida nos tempos sombrios. Nesse período de tratamento, faleceu em 1996, no Rio de Janeiro, a sua primeira esposa, Violeta Metran, aos 69 anos de idade e ele

faleceu em 30 de novembro de 1997, aos 82 anos e 15 dias de vida. Sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.



Na sua casa, ao lado da mulher querida, ele se despediu para sempre da vida. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

Após o seu falecimento, sozinha, Maria Carmelita Fleury Curado foi uma das fundadoras da Associação Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do Cerrado, hoje Instituto, que teve como presidentes Licínio Leal Barbosa, Getúlio de Araújo, José Lino Curado e Isaura Maria Franco Ribeiro, com uma série de atividades pedagógicas e culturais para manter viva a memória de Bernardo ao longo do tempo.



Evento sobre Bernardo Élis, com Maria Carmelita e Mauro Borges



E sozinha vive seus últimos anos com a memória do marido. **Fonte.** Acervo do ICEBE.

E assim segue a vida, com todas as suas contradições e desacertos. Aos 89 anos de idade, Maria Carmelita Fleury Curado é hoje Presidente de Honra do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do Cerrado (ICEBE). Em 2020 fez um testamento legando todo seu patrimônio ao referido Instituto, sob curadoria de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, na busca de eternizar o nome do seu esposo e a obra por ele deixada como legado imperecível do sentimento de goianidade, nos laços eternos de famílias, memórias e corações.

SOBRE O AUTOR

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2003). Possui Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2013). Possui Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2016). Pós-doutorando em Geografia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular do Instituto Aphoniano de Ensino Superior, efetivo da Prefeitura Municipal de Trindade, efetivo - Secretaria de Estado da Educação de Goiás e concursado da Prefeitura Municipal de Goiânia -. atuação junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e Academia Trindadense de Letras. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e história de Goiás - literatura brasileira, mulheres, literatura e gênero goianidade, regionalismo - fala caipira - goianidade e história trindade - biografias. Estudos da linguagem, cerrado, memória e identidade cultural. História da Educação em Goiás. Identifica-se com as áreas geográficas no estudo da terra, das manifestações culturais e sociais do Centro Oeste, notadamente a literatura sobre o Cerrado, além dos estudos da área da Contabilidade, economia e história da economia goiana, em registros de documentos históricos.